

Personagens de culto: os grandes mitos de Portugal na colônia

Heloísa Helena Paulo

1. Personagens e Nação: a identificação de ideais

Símbolos nacionais, costumes e cerimônias são, a muitos níveis, os aspectos mais poderosos e duradouros do nacionalismo. Encarnam os seus conceitos básicos, tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstracta em termos palpáveis e concretos, que suscitam reacções emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade. (Smith, 1997, p.101,102)

Quando ouvimos que as "nações são devedoras dos seus heróis" estamos diante de uma afirmação possuidora de um conteúdo mais do que metafórico. Sendo a "Nação" uma construção ideológica, elaborada a partir de dados reais, como o território, a cultura, a história e a língua, o papel desempenhado pelos homens vinculados a estas realidades não poderia deixar de ter importância para a identificação das marcas da "Nação"¹. O herói é apresentado como um cidadão cuja conduta ultrapassa os limites do ideal, colocando-o conseqüente no mesmo patamar de "culto" que a "Nação" se encontra. Ele pode ser o símbolo da expressão máxima da língua, como Camões, da epopéia do combate por ideais "superiores", como D. Nuno Álvares Pereira, o "Santo Condestável", ou ainda, da glorificação da grandeza da nacionalidade, como Gago Coutinho. Tal como os "símbolos institucionalizados da Nação", como a bandeira, o "herói" é divinizado e não pode ser objeto de ataques, mesmo que a sua identificação seja a do líder humano, mais próximo possível da realidade social do país, como é o caso de Salazar, transformado pela propaganda oficial em verdadeiro "herói" por ter "salvo" Portugal da bancarrota, do comunismo e da guerra.

¹ Anderson, 1989; Gellner, 1993; Hermet, 1996; Hobsbawm, 1991; Smith, 1997.

2. Os imigrantes, os seus heróis, a Nação e os seus mecanismos de identificação

A partir do exposto, detectamos que no caso da colônia portuguesa no Brasil, a referência aos grandes vultos da história de Portugal é feita como menção a um tipo de conduta exemplar e, sempre que possível, através de um paralelo entre a vida do herói e a trajetória do emigrante. Assim sendo, em cada personagem são acentuadas as características passíveis de serem empregadas para desenharem uma similitude com o percurso daquele que emigra. Deste modo, Camões, por exemplo, é um paradigma pelo seu apego a Portugal, para além do fato de ter estado afastado da sua terra natal e ter sofrido, como qualquer emigrante, a saudade².

Outras figuras, como Afonso Henriques, o Infante de Sagres e os navegadores, em especial Pedro Álvares Cabral, são apresentados como homens excepcionais, empreendedores, verdadeiros símbolos de dedicação à Pátria. Entre as mulheres, as rainhas são as evocadas com mais frequência neste tipo de discurso³. Alguns destes nomes, como o do próprio Afonso Henriques⁴, o de D. Nuno Álvares Pereira⁵, o de Vasco da Gama⁶, ou ainda, o da Rainha Santa⁷, são usados para patronagem de associações da colônia, acentuando a idéia de exemplo a ser seguido e perpetuado. No prédio do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, por exemplo, já inaugurado no período salazarista, a 10 de Setembro de 1938, vemos na sua entrada dois painéis de azulejo, de autoria de Jorge Colaço, nos quais temos "O Infante D. Henriques-Sagres", que olha para o mar revolto,

² São inúmeras as menções, em discursos, a Luís de Camões, como na Festa da Raça, em 10 de Junho de 1934, ocorrida no Gabinete Português de Leitura, em São Salvador, Bahia. Nesta ocasião, é proferido um "Ode a Camões", poema declamado por Joaquim de Araújo Lima, um notável da colônia, que afirma bastar a Portugal ser o "berço" do poeta e o "pai e o defensor" do Brasil para ter o "excelso padrão da glória nacional". "Ode a Camões", in: *Festa da Raça*, Bahia, Gabinete Português de Leitura, 1934, p. 7.

³ Exemplos retirados da coluna "Figuras Portuguesas", publicada na *Voz de Portugal*, no ano de 1947. Para este período, porém, a incidência destes nomes é semelhante ao tipo de vinculação feita pela propaganda oficial salazarista; ver: Paulo, 1994.

⁴ Temos a menção de pelo menos uma associação cuja designação é referente a Afonso Henriques, a Associação Portuguesa Memória a D. Afonso Henriques e a Serpa Pinto, fundada no Rio de Janeiro, em 20 de Junho de 1903, e desaparecida nos idos da década de trinta.

⁵ Existem diversas associações portuguesas no Brasil designadas pelo nome de D. Nuno Álvares Pereira. Sobre o tema ver Paulo, 2000.

⁶ São inúmeras as associações que possuem Vasco da Gama como patrono; entre elas, o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, já citado no capítulo anterior, a Associação Vasco da Gama, fundada em Belém, Pará, a 20 de Maio de 1898 e o Clube de Regatas Vasco da Gama, de Santos, criado a 12 de Fevereiro de 1911.

onde há um anjo alado erguendo uma cruz, e "D. Afonso Henriques em Ourique", no meio de uma batalha, onde a cruz nos céus anuncia a derrota dos mouros, por sinal, já mortos ou algemados.

Uma das figuras mais citadas e homenageadas é, sem dúvida, Mouzinho de Albuquerque. O seu nome serve de designação para diversas associações, sendo lembrado constantemente em jornais e demais publicações da comunidade portuguesa no Brasil. Figura paradigmática da presença de Portugal em África, a imagem de Mouzinho serve de parâmetro e exemplo para o emigrante, sendo a sua influência notada, por exemplo, na designação dos sócios do Centro Humanitário Mousinho de Albuquerque, "valente soldado que, no Continente Africano, cobriu de glórias o Pavilhão Português, enchendo o mundo de assombro, pela coragem e amor pátrio de que deu inúmeras provas" (Artigo 1.º dos *Estatutos do Centro Humanitário Mousinho de Albuquerque*, Rio de Janeiro, 1948, p. 1). Nesta associação, fundada em 1897, os sócios passam por diversas graduações até atingirem o grau de *Heróis de Chaimite*, reservado para aqueles que propusessem 50 novos sócios, servissem na Administração e fizessem um donativo, por uma vez ou mais, superior a dois mil cruzeiros, uma quantia de vulto no período mencionado⁸. Mesmo nos meios oposicionistas, Mouzinho tem o seu lugar de destaque como o "grande soldado" que enlutou "a Raça" com a sua morte" (*À Janela do Passado*" in : *Portugal Republicano*, 14 de Janeiro de 1933, p. 4). Como ocorre em relação a outras personagens da história de Portugal, Mouzinho é um herói único, uma espécie de "predestinado", que agiu em nome do "povo" e da "pátria".

Em termo da história contemporânea portuguesa, o nome de Sidónio Pais possui uma grande projeção entre a colônia⁹. Na própria literatura brasileira, a figura do português, nos anos trinta, está associada à imagem de um "sidonista", como o padeiro do romance de José Lins do Rego (*O moleque Ricardo*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s. d.. Ver capítulo I da segunda parte). Tal como

⁷ Ver , por exemplo, a denominação da Associação Memória aos Heróis Portugueses de 1640 e à Rainha Santa Isabel.

⁸ *Estatutos do Centro Humanitário Mousinho de Albuquerque*, Rio de Janeiro, 1948, p. 6. Na verdade, são cinco as categorias possíveis para o sócio: a de Beneméritos, para aqueles que fazem donativos de Cr\$ 600.00 (cerca de um salário mínimo), prestam serviços à instituição, ou apresentem de 5 a 15 novos sócios; a de Benfeitores, Dignatários e Humanitários, para aqueles que tenham cumprido todas as exigências já citadas; e, finalmente, a de Herói de Chaimite. Artigo 7.º do *Estatutos do Centro Humanitário Mousinho de Albuquerque*, Rio de Janeiro, 1948, p. 2-3.

Mouzinho, possui o "patronato" de uma associação, a Sociedade Beneficente à Memória de Sidónio Pais. Neste caso, o culto, ainda que anteceda a vigência do regime salazarista em Portugal e, apesar do desaparecimento da referida associação ainda nos anos trinta, vai servir de referencial para um discurso favorável ao Estado Novo português.

Duas personagens da história contemporânea portuguesa que conseguem uma unanimidade em termos da apreciação, por toda a colônia são Sacadura Cabral, e em especial, Gago Coutinho⁹. Saudados em 1922, quando terminam a travessia sobre o Atlântico como os "novos descobridores", Sacadura Cabral é transfigurado no "novo Cabral", enquanto Gago Coutinho é chamado de "Duarte Pacheco Pereira"¹⁰. No Brasil, o governo do território de Fernando de Noronha manda erigir, em 1947, um monumento aos dois aviadores, enquanto na cidade do Rio de Janeiro, Sacadura Cabral, após a sua morte, é homenageado com a designação do seu nome para uma das principais artérias da cidade. De igual forma, o Real Gabinete Português, no Rio de Janeiro, passa a cultivar a sua memória, tendo mandado construir o "Relicário da Saudade", uma peça em mármore, cristal e prata, onde se encontram os testemunhos escritos de personalidades diversas sobre o falecimento do aviador, assim como um pedaço dos destroços do seu avião acidentado, envolto num cartão de ouro¹². Já Gago Coutinho, até à sua morte em 1959, é figura freqüente nas páginas dos jornais da colônia e uma de suas visitas mais habituais, sendo sempre recebido com o cerimonial de um herói. Nestas ocasiões, realiza palestras no Real Gabinete Português de Leitura e no Liceu Literário Português, no Rio de Janeiro¹³, e em diversas outras associações portuguesas, e participa ainda em atos simbólicos da colônia, como quando da entrega de uma bandeira comemorativa ao governo

⁹ Sidónio, militar que empreendeu um golpe em 1917, instaurando uma ditadura presidencialista por um ano, quando é assassinado, é a primeira referência para os acontecimentos do 28 de Maio, assim que as notícias sobre a "revolução" chegam ao Brasil. Ver editorial "Revolução em Portugal", *Pátria Portuguesa*, 30 de Maio de 1926, p. 1.

¹⁰ Sobre esta mesma temática em Portugal, ver, CATROGA, Fernando. "Ritualizações da História", in : TORRALBA, Luís Reis, CATROGA, Fernando, MENDES, José Amado. *História da História em Portugal*. Séculos XIX-XX, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1996.

¹¹ Com estas designações evocativas dos dois personagens da história da expansão portuguesa os dois aviadores são saudados por Carlos Malheiros Dias na *História da colonização portuguesa do Brasil*, Rio de Janeiro, vol. I, p. 446 e 448, respectivamente.

¹² Esta peça teria sido idealizada pelo emigrante Ernesto Serzedelo Pressler e entregue ao Gabinete, em sessão solene de 16 de Abril de 1927. Ver : "Necrologia", in : *Relatório do Real Gabinete Português de Leitura*. Abril de 1947 a Março de 1948. Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 1948, s.p.

brasileiro no término da guerra (Paulo, 2000). É de assinalar a sua presença em 1943, quando o Brasil se encontrava em guerra contra o Eixo, em 1945, nos meses que marcam o final do conflito, e em 1953, quando da assinatura do Tratado de Paz e Amizade entre Portugal e Brasil. Por ocasião do seu falecimento são inúmeros os anúncios fúnebres mandados publicar nos jornais da colônia pelas diversas associações portuguesas do Rio conclamando os "patrícios" a prestarem a última homenagem ao "grande herói português" (como nas reportagem da *Voz de Portugal*, 22 de Fevereiro de 1959, p. 11).

Ligados ao que poderíamos chamar a uma leitura política militante da história realizada por uma parcela da colônia portuguesa, temos dois pólos distintos. De um lado, os emigrantes monárquicos, celebram o rei D. Carlos que, como já vimos, assassinado antes da sua visita ao Brasil, é transformado num "objeto de culto"¹⁴.

Em meios vinculados à oposição, por outro lado, o discurso a respeito dos vultos históricos é mais complexo, ainda que não apresente muitas variações daquele que é produzido pela colônia como um todo. Em algumas publicações, como a edição feita no Brasil pela Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, em 1936, da *Cartilha colonial*, de Augusto Casimiro, são retomados os marcos históricos da colonização, já amplamente vulgarizados em outras obras. O que vai diferir, no entanto, são as referências aos grandes nomes do projeto republicano em Portugal, como José Elias Garcia, João Chagas, Henriques Nogueira, ou José Estêvão Coelho de Magalhães, abordados em secções como "À janela do Passado" do jornal *Portugal Republicano*, ou a forma pela qual é apresentado o processo histórico. Neste discurso oposicionista, ao contrário do normal da colônia e, em especial, daquele produzido pelos meios mais ligados à propaganda do ideário oficial do regime, os heróis conseguem a vitória graças a uma atuação

¹³ Em 1945, Gago Coutinho participa das comemorações do Dia da Raça, no Real Gabinete Português de Leitura, proferindo a palestra intitulada "História de navegadores escrita por quem navegou". Ver: *Dia da Raça*. Comemoração no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro em 1945, Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 1945. Em 1955, o Liceu Literário Português, por sua vez, manda publicar duas conferências proferidas por Gago Coutinho naquela instituição, uma em Abril de 1943 e outra em 1955, ambas subordinadas ao tema do "Descobrimento do Brasil". Ver: COUTINHO, Gago. *Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, Edição do Liceu Literário Português, 1955.

¹⁴ São inúmeros os anúncios das cerimônias realizadas em homenagem aos monarcas mortos, todas com um texto em comum: "Comemoração do 22.º aniversário do regicídio em Portugal - Dois aspectos das homenagens à memória de El-rei D. Carlos e D. Luiz Filipe. No Real Centro da Colônia Portuguesa e na igreja da Candelária", *Lusitânia*, 16 de Fevereiro de 1930, n.º26, p. 45. Ver, de igual forma, *Pátria Portuguesa e Voz de Portugal*, 1936 a 1961.

popular, na qual o emigrante é inserido:

Representamos nesta hora amarga e sangrenta, a plebe que se bateu ao lado de Afonso Henriques, de Nuno Álvares, do Prior do Crato, dos sublevados de 1640 - aquela plebe que cimentou com o seu sangue uma Pátria, única da Península liberta do jugo de Castela. Aquela plebe que, em momentos angustiosos como os que ora passam, encarnou em mártires e heróis como o humilde alfaiate enforcado por erguer uma voz, numa extraordinária previdência, contra Leonor Teles; como o Mestre de Avis, que apunhalou o conde Andeiro; como o povo de Lisboa, que arrastou pelas ruas o cadáver hediondo de Miguel de Vasconcelos. Aquela plebe que foi todo o poder de Pedro, o Justiceiro, que com ela dançava depois de chibatar os bispos; do Príncipe Perfeito, ao abater a prepotência dos senhores feudais. Aquela plebe, de que foram filhos Herculano e Garret, que esmagou o absolutismo, o miguelismo que os integralistas, única força monárquica, pretendem estultamente ressuscitar.
(Soares, Gumerindo. "A Nossa Tradição", in : *Portugal Republicano*, nov. 1932, p. 1)

Com base nesta temática e neste tipo de discurso, visa-se a efetivação da idéia de perpetuação dos valores da "Pátria" junto aos filhos da colônia. Em diversos periódicos portugueses do Brasil, como a *Pátria Portuguesa*, o *Diário Português*, a *Lusitânia*, apresentam-se secções ou mesmo folhetins dedicados ao público infantil. Na *Lusitânia*, em texto do escritor português José Agostinho, um avô, português, conta ao seu neto, um brasileiro, as histórias da sua terra natal. Neste caso, os vultos não variam em relação ao imaginário deste gênero de discurso histórico fomentado pelo regime, passando por D. Afonso Henriques até chegar às figuras dos descobrimentos. Os interlocutores dos diálogos realçam a admiração pela história portuguesa, sendo que, como exemplo para os destinatários deste tipo de discurso, as personagens infantis demonstram sempre entusiasmo e conhecimento prévio da história de Portugal.

O neto - Já calcula, meu querido avozinho, quanto eu venho curioso.
O infante D. Henrique, pelo que já sei, foi grande, tão grande, que só falar dele vale falar de toda a Pátria...
(Agostinho, José. "As Noites do Avozinho. Contos da História de Portugal, para crianças e adultos : Décima nona noite", In: *Lusitânia*, fev. 1933, n.º 93, p. 36-37).

3. Salazar, a construção de uma imagem símbolo para a colônia

Antonio Oliveira Salazar é a figura política mais popular na colônia portuguesa desde a passagem de Antonio José de Almeida pelo Brasil em 1922. Sua importância e transfiguração num verdadeiro "herói" é tanto mais importante, se considerarmos que ele nunca esteve fora de Portugal e a sua imagem é o mais distante possível do líder populista. No entanto, no dizer de Franco Nogueira, Salazar é o verdadeiro "símbolo de Portugal" para os emigrantes portugueses (Paulo, 2000, p. 381 s). Na verdade, poderíamos afirmar que para os emigrantes o Presidente do Conselho se torna o símbolo do país de origem porque ele "corporifica" todos os valores que lhe são caros, a origem rural, o sucesso profissional, a religiosidade e a segurança política e financeira, apresentando ao mundo um Portugal marcadamente vinculado ao universo camponês, que lhe é caro pela memória, mas consciente da necessidade de modernização, um dado adquirido pela vivência emigratória em grandes centros urbanos.

Como já afirmamos, a imagem de Salazar está longe a de ser um "líder de multidões"¹⁵, a maneira dos demais ditadores fascistas, o seu contacto com o "seu povo" passa para uma outra dimensão, vinculada ao seu universo rural e no contexto de um ideal de hierarquia e "paternalismo"¹⁶. Salazar será sempre o lente de Coimbra, avesso aos debates políticos, pronto a regressar no primeiro comboio àquela cidade, caso considerasse que a "Nação" prescindia dos seus "serviços". Tal fato, contudo, não "desqualifica" a posição de Salazar enquanto "líder", possuidor de uma forma característica de carisma político, moldada de acordo com as características e o "apelo" do público para qual é destinado¹⁷. O Presidente do Conselho não foge, portanto, aos ensinamentos de Gustave Le Bon, que apreendera ainda no Colégio Via Sacra¹⁸. Misto de aldeão e de "doutor", distante das honras de homem de Estado, "nascido pobre"

¹⁵ Ver as declarações de Salazar a António Ferro na série de entrevistas publicadas na obra, in: FERRO, António. *Salazar, o homem e sua obra*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933, p. 83, assim como as anotações à margem do texto na página 216. Esta obra possui diversas traduções incluindo uma em dialeto gogani.

¹⁶ No Arquivo de Salazar, temos a presença de uma vasta correspondência enviada ao Presidente do Conselho, solicitando a sua intervenção para os problemas mais diversos, como a obtenção de água para a aldeia, ou ainda, agradecendo a sua ação governativa.

¹⁷ Usamos o termo "carisma" no sentido clássico, já utilizado por Burke, ou seja, a ideia de "um líder envolto por uma aura de autoridade" (BURKE, Peter. *A fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1994*, p. 22). Tal noção pressupõe, de igual forma, a necessidade de uma renovação constante dos símbolos e da imagem que "suportam" este carisma.

e com uma vida modesta, o Presidente do Conselho é, antes de mais, o professor abnegado que abdicou da sua carreira e do seu sossego no campo para "salvar a Nação". Desta imagem depende a sua popularidade num país rural, tantas vezes distanciado dos debates políticos dos centros urbanos, ou, ainda, a sua credibilidade nas grandes cidades, entre uma camada média da população, resistente aos conflitos e aos movimentos de revolta que marcaram os primeiros anos republicanos.

Em Portugal, tal como ocorre na Alemanha, com Hitler, na Itália, com Mussolini¹⁹, ou mesmo no Brasil, com Getúlio Vargas, os aparelhos de reprodução do Estado salazarista têm especial atenção para com a imagem de Salazar, para além de toda uma produção "independente" que versa sobre o Presidente do Conselho, revelando a ligação dos seus autores ao regime. O resultado desta produção, composta por biografias, relatos enaltecedores sobre a sua governação ou panegíricos exacerbados, produz um "retrato" de Salazar que acompanha a própria história do regime, moldando-se às exigências do tempo²⁰. Do lente de Coimbra, sério e com-penetrado, passamos para o homem grisalho e sorridente dos anos cinquenta, revelador da sua própria estabilidade no governo, e para além disto, Salazar mantém um contacto com o povo. Este "diálogo" é estabelecido, não com a "multi-dão", para a qual se mostra adverso, mas com aqueles que entram em contacto direto com o Presidente do Conselho, por meio de cartas e pedidos pessoais. Com estes, ele estabelece um diálogo mais intimista, próprio de um homem do campo, caracterizando um dado do seu comportamento e do perfil apresentado pelo regime que não sofrerá alterações com o correr dos anos²¹.

Na colónia portuguesa do Brasil, muito mais cedo que em Portugal, o retrato de Salazar ganha, portanto, uma expressão mais sensível e humana. Na obra de Armando d'Aguiar, *Oliveira Salazar, o homem e o ditador*, de 1934, a capa do livro apresenta a imagem de um Salazar jovem, sério, mas que não apresenta os "traços duros" do famoso perfil que ilustra algumas obras surgidas em terras portuguesas. Este surge no

¹⁸ Sobre a influência do pensador francês Gustave Le Bon na formação do pensamento de Salazar, ver: TORRAL, Luís Reis. "Salazar e Coimbra nas origens do Estado Novo", in : *Universidade e Estado Novo*. Coimbra, Minerva editora, 1998.

¹⁹ Sobre os demais líderes europeus a bibliografia é bastante numerosa. Destacamos, porém, dois trabalhos devido a linha de análise desenvolvida, a saber : PASSERINI, Luisa. *Mussolini Immaginario. Storia di una biografia 1915-1939*. Roma-Bari, Laterza, 1991; e KERSHAW, Ian. "The Hitler Myth". *Image and reality in the Third Reich*, Oxford, Oxford University Press, 1987.

²⁰ Não nos deteremos aqui, por razões óbvias, na análise de toda as obras produzidas sobre Salazar, quer aquelas que o tomam como símbolo do regime, quer aquelas que o vêem também como homem, nos seus aspectos propriamente biográficos, já que tal tarefa extrapolaria o âmbito deste trabalho.

interior, apresentando "o verdadeiro ditador", acompanhada, porém, de outras imagens que complementam a visão do "homem" e do "governante" Salazar. Risonho, tal qual aparece em algumas das fotos que ilustram o livro, Salazar é um homem que, para além da "tarefa solitária" do governo, carrega o peso de um amor proibido na juventude, o que justifica o seu estado de celibatário, respeita os valores religiosos de uma realidade aldeã, daí a simpatia que tem do clero, e sonha com um país de "paz, pão e vinho", o que o leva a cumprir o seu papel de "garantia viva de salvação para o país" (Aguiar, p. 160 e 138 respectivamente). Ao leitor, ou seja, à colônia portuguesa no Brasil, é pedido, "apenas", o apoio incondicional para a sua ordem governativa²². Nos anos seguintes, esta visão do líder português não se altera, sendo mantida e reafirmado o seu caráter diferenciado dos demais ditadores europeus após a declara-

²¹ As primeiras obras que versam sobre Salazar, ainda nos anos trinta, tratam mais da questão política do que da biográfica. A pioneira neste gênero, de 1930, é *O Ditador das finanças*, e o seu autor, Leopoldo Nunes. As breves menções à personalidade do Ministro das Finanças enquadram-se na dimensão de sua ação política. Neste mesmo sentido, apontam uma parte das publicações oficiais que destacam a figura de Salazar nos anos que se seguem. Em 1933, surge a mais conhecida obra sobre o ditador, *Salazar, o homem e a sua obra*, de António Ferro, uma série de entrevistas que assinala o início deste gênero de publicação, demarcando um tipo de produção que, sem pretender fazer um relato biográfico, tende a apresentar uma imagem mais intimista e humanizada do ditador. Além desta, temos diversas outras, como *Salazar e a "A Verdade"*, de Costa Brochado, de 1933, *Eu falei com Salazar*, um pequeno folheto da autoria de uma jornalista goesa, Thelma Rocha, surgido em 1958, no contexto da crise de Goa. Para além das entrevistas, temos o gênero "biográfico" por excelência, iniciado ainda nos anos trinta, por obras como *Salazar na intimidade*, de 1936, de Arthur Mendes Távora, que pretende ser uma incursão na vida particular de Salazar, analisando as suas origens, ao apresentar uma árvore genealógica do Presidente do Conselho, atribuindo-lhe um passado de nobreza, apesar da sua infância de menino pobre. Em 1938, aparece uma publicação intitulada *Perfil de Salazar*, de Luiz Teixeira, jornalista, redator do *Diário de Notícias*, que fornece um historial da vida de Salazar, da infância ao período da sua chegada ao governo, sendo traduzida em 1940 para espanhol e francês, e em 1943 para o inglês, tornando-se, ao que parece, a obra mais divulgada neste período. Nos anos quarenta a "febre" das biografias parece diminuir, mas nos anos posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial, surgem obras que tendem a mesclar a biografia com o inquérito pessoal. Na década de cinquenta, temos a publicação do livro de Christine Garnier, *Vacances avec Salazar*, de 1952, traduzido para português e publicado em diversas edições, sendo, para além do livro de Ferro, a obra mais conhecida sobre o Presidente do Conselho. Para além do texto de Garnier, temos outros, como *Salazar, professor e educador de um povo*, de 1953, de Matos Gomes, ou ainda o álbum fotográfico *Salazar na intimidade*, de 1954, de Frederic Marjay, um editor de Lisboa. Por fim, cumpre assinalar um outro gênero, mais voltado para a leitura "sebastianista" da imagem do Presidente do Conselho, presente em obras como *Avé, Salazar*, de 1937, de Zuzarte de Mendonça Filho, *Epopéia de Salazar*, de 1938, de Santos Cravina, ou *Direita, Volver!*, de 1939, de Oliveira Mouta, onde Salazar é visto como um enviado divino ou o grande messias do nacionalismo de extrema direita.

²² "Oíçam, pois, todos sem discrepâncias, nem desfalecimentos a palavra do grande ministro. É a Pátria, e também a Religião que numa consonância íntima a tantos nos persuadem a certeza de que não será malbaratado o nosso concurso e colaboração em tão alevantado e patriótico empreendimento". Aguiar, 1934, p. 138-139.

ção de guerra do Brasil aos países do Eixo.

Nos anos cinquenta e sessenta, quando a popularização da televisão no Brasil contribui para a divulgação da imagem de Salazar, esta é a de um senhor grisalho e circunspeto. Em 1961, após o impacto do Santa Maria e das primeiras notícias a respeito dos acontecimentos em Angola, a revista brasileira *Revista do Rádio*, uma das mais populares no período, publica uma reportagem sobre a figura de Salazar. São entrevistadas diversas personalidades da rádio e da televisão, sendo o "resultado" um verdadeiro atestado de simpatia pelo "homem", ainda que haja divergências em relação ao regime²³. Para os seus "patrícios", o Presidente do Conselho continua a ter um ar amável e sorridente, como o da fotografia que encabeça a reportagem na *Revista do Rádio*, de 24 de Junho de 1961, um Salazar, envelhecido, mas de braços abertos e sorridente, como qualquer avô lusitano da colônia.

Estou em contacto com um grande número de portugueses - mas, isto, todos os dias, e a todas as horas, e cheguei a conclusão que há dois tipos de inimigos de Salazar - 1.º os comunistas - 2.º os descontentes - estes últimos, em sua maior parte, são homens de péssimos costumes - caloteiros, bebados, ladrões escurraçados de Portugal e etc, digo isto por experiência própria, pois como disse assim convivo com estes a todas as horas!²⁴.

Para além de biografias, sem contarmos aqui com as inúmeras menções em periódicos, diversas associações com o nome de Salazar surgem por todo o país na década de trinta e nos anos seguintes, como a União Portuguesa Dr. Oliveira Salazar, fundada no Rio de Janeiro em 1933. Ainda nos anos trinta, temos o aparecimento de diversas marcas de produtos que utilizam o nome do Presidente do Conselho como "chamariz" publicitário. Assim sendo, temos o Azeite Salazar, apresentado como o "genuinamente português"; os charutos Salazar, e a geladeira Salazar, "tão econômica quanto o seu Patrono" (Paulo, 2000, p.411 s).

Na década de sessenta, o desenlace da questão indiana e o caso do Santa Maria, vão gerar novos movimentos de solidariedade em torno do regime e da figura de Oliveira Salazar. A sua figura, no entanto, torna-se cada vez mais próxima dos seus

²³ A opinião expressa por Raul Brunini, conhecido radialista, é paradigmática desta "separação" do homem e do regime: "Contra o homem, nada tenho. Sou contra, isto sim, contra o regime imposto ao povo português. Um regime anti democrático que não dá oportunidade ao povo de escolher um novo governo. Os portugueses estão cansados de Salazar...". *Revista do Rádio*, 24 jun. 1961, s. p

²⁴ Carta datada do Rio de Janeiro, de 5 de Fevereiro de 1961, escrita pelo próprio punho, por Armando Rodrigues Pereira, emigrante no Brasil desde 1922, dono de três cafés naquela cidade, endereçada a Salazar. A.N.N.T. AOS-CO-PC - 63. Pasta 19. Grafia mantida no original.

"patrícios" do Brasil, que agora podem vê-lo no noticiário da televisão. Os ataques ao seu governo e as afirmações da oposição contra a sua postura de ditador não conseguem abalar, entre os "patrícios" mais fiéis ao regime, a imagem do "outro patrício" que está no governo. Salazar continua, apesar dos protestos, a ser a imagem de um regime estável e ideal para Portugal. Enquanto a oposição denuncia os erros do governo de Lisboa e a propaganda oficial cuida para que a opinião pública internacional não seja de todo desfavorável ao Estado português, o emigrante continua a ter em Salazar a imagem de um "velho amigo" que não se abandona, amigo para o qual escrevem cartas e hipotecam solidariedades, uma delas reproduzida aqui, na sua grafia original, sinal da origem humilde e pouco letrada do seu autor:

Pela segunda vez remeto recortes de jornais brasileiros, com publicações justas e favoráveis a Vossa Ex.^a; junto a esta seguem dois recortes. Tenho sido, como sou e sempre serei um dos seus admiradores, e amigo, seu desconhecido; peço licença a V.^{ss}a Ex.^a desde agora em diante, para que seja seu conhecido, e amigo, Admirador, Leal, Franco, e Sincero, e que me dê permissão, para que dentro em breve, se Deus quiser, pessoalmente ahi, em Nossa Patria, aonde pretendo ir, lhe possa dar um Abraço como se costuma dizer, de quebra costela. De seu Leal, e sincero Amigo

*Antonio Conde Barreiros*²⁵

Nesta carta, encontrada no espólio do Presidente do Conselho pertencente à Torre do Tombo, vemos uma anotação escrita à mão, afirmando que a mesma teria sido respondida dias após o seu recebimento.

A "imagem" de Salazar teria cumprido o seu sentido de "resposta a uma demanda", devolvendo ao emigrante o seu próprio "retrato", espelhado na figura do líder. Ainda que não tivesse plena consciência deste processo, o público emigrante conseguia "ver" em Salazar a maximização da sua própria trajetória. Cumpre-se, assim, um processo de identificação de imagens que fornece a possibilidade da continuidade do salazarismo na colônia portuguesa do Brasil²⁶.

²⁵ Grifo nosso. Carta datada de São Paulo, 4 de Fevereiro de 1961, escrita para Salazar por António Conde Barreiros, natural de Poiares da Régua, Trás-os-Montes, dono de uma imobiliária, responsável pela urbanização do Bairro de Pinheiros, um dos mais importantes da cidade de São Paulo, e de grande parte da cidade de Avaré, próxima daquela capital. A. N. T. T. AOS-CO-PC. 63. Pasta 19.

²⁶ "Os processos pelos quais imagens reforçam o poder são ainda mais eficazes por serem parcialmente inconscientes", in : Burke, op. cit., p. 24.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*, São Paulo, Ática, 1989.
- BURKE, Peter. *A fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*, Lisboa, Gradiva, 1993.
- HERMET, Guy. *História das nações e do nacionalismo na Europa*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- HOBSBAWM, Eric. J. *Naciones e nacionalismo desde 1780*, Barcelona, Crítica, 1991.
- PAULO, Heloísa. *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o D.P.I.*, Coimbra, Minerva, 1994.
- PAULO, Heloísa. *'Aqui também é Portugal!' . A colônia portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra, Quarteto, 2000.
- SMITH, Anthony D. *A identidade nacional*, Lisboa, Gradiva, 1997.

Resumo

O imaginário da colônia portuguesa é povoado por símbolos que reforçam a sua identidade nacional. No decorrer do século passado, alguns nomes importantes da história e da vida contemporânea de Portugal passam a ser encaradas como verdadeiras "personagens de culto". Afonso Henriques, D. Nuno Álvares Pereira convivem no mesmo espaço simbólico onde passam a tramitar figuras atuantes, como António José de Almeida ou Gago Coutinho. Para além destes personagens, que são consenso em toda a comunidade emigrada, existem outros, delimitando o posicionamento político assumido, como Salazar, consagrado pela "direita", e Norton de Matos, um dos escolhidos à esquerda. Nosso objetivo é traçar a trajetória de tais mitos, relacionando-os com a tipificação do "ser português" para o emigrante.

Abstract

The collective imagination of the Portuguese community in Brazil is filled with symbols which reinforce its national identity. In the course of the last century, some important names in Portugal's history and contemporary life came to be regarded as true "cult figures". Thus, Afonso Henriques and Dom Nuno Álvares Pereira people the same symbolic space as active personalities like António José de Almeida and Gago Coutinho. Besides these figure, which are consensually accepted by the whole community of immigrants, there are others who define clear political stances, such as Salazar, consecrated by the right wing, and Norton de Matos, one of the personalities chosen by the left wing. The objective of this paper is to outline the trajectory of these myths, relating them to the typification of what it means "to be Portuguese" in the immigrants' mind.

Key-words: nationalism, nation, history, national identity.